



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA FRENTE AOS PROCESSOS DE DESAPARECIMENTO E ANIQUILAMENTO DOS TERRITÓRIOS NEGROS NA CIDADE: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA EM CURSO NA LADEIRA DA CONCEIÇÃO DA PRAIA (SALVADOR - BA)

GABRIELA LEANDRO PEREIRA¹

LAIZA BASTOS NASCIMENTO²

RAYSA SANTOS DO ROSÁRIO³

Resumo: O artigo traz reflexões a partir do projeto de extensão em curso, denominado “Protagonismo popular e ancestral na produção da cidade de Salvador: os Artífices da Ladeira da Conceição da Praia”, e tem como objetivo apontar algumas dimensões desse processo, sobretudo aquelas relacionadas à valorização dos saberes retidos pelos artifices que lá trabalham. Desempenhando ofícios como marmoristas, ferreiros de santo e serralheiros, os trabalhadores da Ladeira desenvolvem trabalhos artísticas manuais, cujas técnicas foram herdadas de seus mestres, transmitidas de maneira “não científica”, aprendidas na co-presença do cotidiano, praticadas durante gerações de artifices em suas oficinas. Contraponto ao imediatismo e a praticidades da sociedade contemporânea, os Artífices da Ladeira resistem apesar dos obstáculos para a continuidade a seus ofícios, sobretudo pela dificuldade em encontrar aprendizes. Repassar seus saberes e evitar o desaparecimento de seus ofícios. Como pode a universidade contribuir nos enfrentamentos frente aos processos de desaparecimentos que ainda pairam, sobretudo nos territórios negros da cidade?

Palavras- Chave: Extensão Universitária - Artífices da Ladeira da Conceição da Praia – Territórios negros – Ancestralidade - Ofícios

Considerações sobre a contribuição da extensão universitária frente aos processos de desaparecimento e aniquilamento dos territórios negros na

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal do Espírito Santo; mestre e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Email: gabriela.leandro@ufba.br

² Graduada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA desde 2017. E-mail: laizabastosn@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo pela UFBA. E-mail: raysa.rosarioba@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

cidade: relato de uma experiência em curso na Ladeira da Conceição da Praia (Salvador - BA)⁴

O artigo traz reflexões a partir do projeto de extensão em curso, denominado “Protagonismo popular e ancestral na produção da cidade de Salvador: os Artífices da Ladeira da Conceição da Praia”, a partir de questionamentos como: “Como pode a universidade contribuir nos enfrentamentos frente aos processos de desaparecimentos que ainda pairam, sobretudo nos territórios negros da cidade? ”

1. A Ladeira

1. O projeto de extensão visa apresentar em especial registros de peças gráficas que possam contribuir para ampliar o conhecimento da comunidade sobre os artífices e seus ofícios nos arcos, cuja secular presença na Ladeira da Conceição está ameaçada frente às constantes tentativas de expulsão. Por se tratar de uma área com um alto interesse imobiliário, o medo de serem retirados da ladeira está presente constantemente e já que estes ofícios são desvalorizados pelos gestores de salvador, identificou-se a necessidade de reforçar a importância deles para a cidade e para a academia, com o intuito de fortalecer a luta deles contra essas ameaças de remoção.

O centro histórico de Salvador por muito tempo teve sua imagem marginalizada principalmente pelos moradores mais antigos da cidade. Pois com a criação de um novo centro econômico a cidade passou a crescer dando as costas para essa área, o que ocasionou o povoamento por pessoas de baixa renda e a centralização de problemas sociais como tráfico de drogas, prostituição, dentre outros.

⁴ O artigo apresenta fragmentos do projeto de extensão em curso, denominado “Protagonismo popular e ancestral na produção da cidade de Salvador: os artífices da Ladeira da Conceição da Praia” (edital UFBA/PAEXDOC 2017), coordenada pela Prof^a. Gabriela Leandro Pereira (Grupo de Pesquisa Lugar Comum/PPGAU-FAUFBA), no qual integram a equipe o Doutor em Arquitetura e Urbanismo André Araujo; o doutorando Wagner Moreira; o mestrando em Ciências Sociais Vitor Fonseca Santos; a arquiteta e urbanismo Laiza Bastos Nascimento; e a graduanda em Arquitetura e Urbanismo Raysa Santos do Rosário.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Com a inserção do centro histórico de Salvador na lista de Patrimônio Histórico Mundial da UNESCO, as autoridades, na tentativa de sanar o estado de abandono causado por eles mesmos, passaram a abrir espaço pra a construção de uma nova cara para o centro histórico, iniciou-se a expulsão da população local residente com a intenção de valorizar o turismo e a indústria cultural a partir do processo de enobrecimento dessa área histórica, processo esse que acontece até o presente momento e resulta a descaracterização e isolamento do local das dinâmicas urbanas, deixando de lado as questões sociais existentes e dando espaço a um museu a céu aberto, a famosa prática de gentrificação.

Relato do Primeiro Contato com a Ladeira

Vivemos na capital mais negra do País, logo, pensa-se na necessidade de falar sobre a posição que o negro ocupa na sociedade e como ela se reflete na arquitetura local, pela universidade. Durante toda a graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo, o único momento em que essa discussão esteve presente nos nossos currículos, Laíza e Raysa, ainda assim de maneira nebulosa, foi no Atelier V⁵. Não que essa seja a principal ementa da matéria, mas esse atelier, especialmente, trouxe a Arquitetura por outro ponto de vista, onde o arquiteto adota a postura do investigador que vai muito além da pesquisa dos parâmetros legais, da avaliação científica do conforto térmico e da topografia local, mas sim, um arquiteto que se permite ser usuário do entorno do seu projeto. E foi assim que essa discussão passou a fazer parte das nossas conversas, pois a poligonal do trabalho foi o Centro Antigo de Salvador e não tem como falar desse local sem analisar o papel que o negro ocupa.

A proposta era analisar o significado de “Cidade Alta e Cidade Baixa”, termo que nós Soteropolitanos utilizamos para definir os bairros da cidade. Mas a questão foi posta,

⁵ Disciplina Anual do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFBA, responsável pelo desenvolvimento da capacidade projetual do aluno. O Atelier V é a última matéria de projeto tendo como foco a formulação de diretrizes espaciais de natureza urbanística.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

nos fazendo pensar como essa Cidade Alta e essa Cidade Baixa eram definidas, quais as características de cada uma e o que era retirado das nossas memórias quando pensávamos nessa dualidade, éramos seis pessoas com experiências e vivências na cidade extremamente diferentes, mas que precisavam encontrar um ponto de concordância para poder utilizar no trabalho. E durante toda a disciplina foi desenterrado uma série de estigmas que haviam sido passados dos nossos pais, parentes, amigos, pois por muito tempo o centro antigo foi tido como um local perigoso, um local que abrigava uma série de problemas sociais, e isso acabava limitando o nosso trabalho, pois sempre havia uma rua que já “havíamos ouvido falar” que era perigosa, então investigávamos todo o entorno menos aquela rua e no final a gente acabava naquela rua porque ficava um vazio, um ponto de conexão que amarrava todo o resto e que não havia sido estudada por causa de um preconceito hereditário. O engraçado é que essas ruas eram sempre ladeiras e logo o meu grupo ficou conhecido pelo grupo do “entre”, porque nós estudávamos a “Cidade Alta e a Cidade Baixa” do Pelourinho, o que era bem delimitado, mas essas conexões entre essas duas cidades nunca apareciam nos nossos discursos e foi por conta dessa falta de representação do “entre” que obtivemos o nosso primeiro contato com a Ladeira da Conceição.

Talvez por estar localizada tão próxima à Ladeira da Montanha, que é conhecida por refugiar usuários de droga e garotas de programa, existia um preconceito gigante em estar ali na Ladeira da Conceição, por todos os integrantes do grupo, mas fomos, e conversamos com 2 pessoas que nos mostraram o tamanho do tesouro que aquela ladeira abrigava: Dona Ana e Seu Zé diabo. A primeira por ser uma mulher que morava juntamente com seu marido no seu local de trabalho, um bar, mas que vivia ali, em um dos arcos, de favor após ter sido removida de sua casa no final da rua. Dona Ana nos contou a história dela e nos contou toda a dinâmica que ele tinha no bar, o que mais nos chamou atenção foi o relato de que naquela ladeira havia vida à noite e era basicamente dessa vida noturna que ela tirava seu sustento, pois em frente ao bar numa porta discreta e simples funcionava uma casa de prostituição e o bar servia de apoio aos frequentadores. Já o senhor José Adário, mais conhecido por Zé Diabo, era



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

um artífice, um ferreiro que fazia peças para casas de santo e ele nos contou tantas coisas, nos mostrou seus trabalhos, contou como era a ladeira logo que chegou ali, fez até um pássaro de ferro para nos mostrar que quando saímos do arco dele, estávamos encantados com aquele local, uma vez que a ladeira situa-se na frente da Baía de Todos os Santos, e que se assemelha com um cenário cinematográfico, pois se trata de uma rua onde a maioria das casas foi construída dentro dos arcos de sustentação da rua de cima, a Ladeira da Montanha, e possui vista total para essa Baía. Ao mesmo tempo entendíamos todo o estado de ameaça que eles viviam porque é notável o grande potencial dessa ladeira dentro do ramo imobiliário. E ter essas pessoas que em sua maioria são negras, de baixa renda com comércio decadente utilizando esse espaço nos mostrava mais ainda a necessidade de fortalecer aquele lugar.

2. Os Artífices

Os artífices são ocupantes, há muitas décadas, dos arcos. Essa realidade reforça o direito de estar ali diante das propostas de revitalização pelos órgãos públicos, sendo o afastamento temporário dos artífices, uma condição para o início dessas obras. Essa condição acaba sendo classificada uma ameaça à permanência dessas pessoas nos arcos, pois em momento nenhum foi dado uma garantia, por extenso, de que estes ao fim das obras pudessem voltar aos seus locais de trabalho.

Serralheiros, marmoristas, ferreiros, ao todo são 14 dos 15 arcos ocupados por esses trabalhadores e se até hoje esses arcos estão conservados, foi graças a eles. São notáveis os improvisos feitos por eles, para a adaptação desses locais às suas necessidades. O principal argumento deles é que ali é um local tradicional desses ofícios e uma preocupação é com os clientes que já sabem onde encontra-los quando precisam dos seu serviço, pois muitos estão ali há quase meio século.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Houve uma aproximação, nós enquanto estudantes da matéria de Atelier V, deste local, e um conhecimento maior sobre a vida desses artífices. Os diálogos foram registrados, assim como fotografias no dia-a-dia desses trabalhadores tradicionais.

Um dos primeiros registros foi feito com Edmilson Rodrigues dos Santos, Ferreiro e Serralheiro, arco 16. Ele possui 66 anos de idade e 50 anos trabalhando na ladeira. Edmilson reside em Cajazeiras e aprendeu a arte com vários mestres, dentre eles teve o mestre Caneleira, como o principal. Estudava à noite e começou a trabalhar nas oficinas como auxiliar administrativo, e assim, pela proximidade, começou a aprender os ofícios. Segundo ele, a ladeira faz serviços exclusivos na cidade, trabalhos que fábricas fazem, porém sem os detalhes que ele é capaz de fazer a mão. “A ladeira da conceição é uma universidade, aqui você aprende de tudo...” disse Edmilson ao relatar seu orgulho em fazer parte desse grupo de artífices. Ele finalizou a entrevista com uma pergunta: “tem coisa mais bonita do que você fazer uma coisa com a mão!?”



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO



Imagem 01. Edmilson Rodrigues dos Santos. Ferreiro e Serralheiro. Fonte: Laíza



Imagem 02. Edmilson Rodrigues dos Santos, Ferreiro e Serralheiro. Fonte: Laíza Bastos (2017)



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO



Imagem 03. Edmilson Rodrigues dos Santos, Ferreiro e Serralheiro. Fonte: Laíza Bastos (2017)



Imagem 04. Edmilson Rodrigues dos Santos, Ferreiro e Serralheiro. Esta fotografia foi feita no momento em que ele falava a seguinte frase: “Quando a gente não tem o que fazer, a gente faz arte”.
Fonte: Laíza Bastos (2017)



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Outro diálogo foi com Edson Silva, também Ferreiro e Serralheiro, com 62 anos de idade e 48 anos exercendo a profissão na ladeira, no arco 18, e reside também em Cajazeiras. Levado por seu pai, Edson aprendeu o ofício na Ladeira do Pelourinho com o Mestre Manoel Galvão. Começou a trabalhar na ladeira como auxiliar, quando o dono do arco faleceu (nome não identificado) e então Edson assumiu a oficina de trabalho.



Imagem 05. (à esquerda) Arco de Edson Silva, Ferreiro e Serralheiro.
Fonte: Laíza Bastos (2017)



Imagem 06. (à direita) Edson Silva, Ferreiro e Serralheiro.
Fonte: Laíza Bastos (2017)



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO



Imagem 07. Edson Silva, Ferreiro e Serralheiro. Fonte: Lafza Bastos (2017)

Um terceiro artífice que realizamos um diálogo foi com José Adário dos Santos, conhecido como “Zé Diabo”, que trabalha no arco 26 como Ferreiro de Santo. Possuindo 70 anos de idade e 46 anos trabalhando na Ladeira da Conceição, ele tem seu trabalho reconhecido internacionalmente, sejam em exposição com suas peças ou em publicações fotográficas de seu trabalho. José Adário sofreu um acidente há 28 anos, caindo de 6,60m de altura colocando uma coifa em uma residência. Depois disso, resolveu trabalhar com serviços em que não se arriscasse tanto. Zé Diabo tem orgulho em contar a história do seu apelido. *“Meu mestre, Nair, fazia diabos dos pequenos e eu levava para o Mercado Modelo para vender. O pessoal começava a me chamar de Diabo, e eu me revoltava os diabos caíam e quebravam. Tinha que voltar para a oficina para concertar. Quando me dei conta, o nome “Zé Diabo” já era aceito.”* Zé Diabo faz, em média, 200 a 300 soldas em um dia e tem orgulho do seu trabalho. Afirmando assim, que vai trabalhar até onde suas condições físicas não permitirem mais.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO



Imagem 08. José Adário dos Santos, Ferreiro de Santo. Fonte: Laíza Bastos (2017)



Imagem 09. Uma das peças que José Adário dos Santos produz. Fonte: Laíza Bastos (2017)

Outro artífice que trabalha há 52 anos, no arco 08, é Otacílio Natalino Silva Pereira. Residindo em Cajazeiras, ele trabalha como Marmorista e possui 68 anos de idade.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Aprendeu o ofício com seu pai e teve seu filho como aprendiz, porém hoje trabalha com um sócio que executa os serviços, enquanto ele administra.



Imagem 10. Otacílio Natalino Silva Pereira, Marmorista.
Fonte: Laíza Bastos (2017)



Imagem 11. Ferramentas e materiais de Otacílio Natalino Silva Pereira, Marmorista.
Fonte: Laíza Bastos (2017)



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

3. Aproximação

Devido ao trabalho feito na disciplina de Atelier V, que teve Gabriela Leandro Pereira como uma das coordenadoras, e da Pesquisa de Extensão, também coordenado por ela, conseguimos ter uma aproximação e um conhecimento maior sobre os artífices da Ladeira da Conceição. Os registros que estão sendo feitos, sejam pela captura de informações buscadas na memória de cada artífice, ou pelas fotografias, terá um retorno de pertencimento na Ladeira da Conceição pelos seus trabalhadores.

Será desenvolvido um livreto, com o intuito de contribuir para o conhecimento da comunidade, sobre a existência e a resistência dos artífices, assim como para servir de apoio frente ao poder público, que insiste em sua desapropriação. Outro grande foco da Pesquisa é aproximar os estudantes da UFBA aos ofícios desenvolvidos na Ladeira, se maneira a realizar oficinas, onde artífices possam passar um pouco do seu conhecimento, das suas técnicas, e até permitir que os alunos realizem alguma atividade. Essas oficinas serão realizadas em um turno, com duração de 04 horas, e também será feita uma conversa com o “Caneleira”, que foi o Mestre de grande parte dos artífices que hoje ali trabalham.

Pensando em como essa Pesquisa pode ser enriquecedora, nos perguntamos como a Universidade poderia atuar de forma mais efetiva para a ampliação do acesso ao direito à cidade junto aos territórios negros, historicamente ameaçados e violentamente arrasados, seja pelo poder público, seja pela iniciativa privada.

4. Referências

Thais Borges (25 de dezembro de 2014). <<**Projeto vai reformar os arcos da Ladeira da Conceição; veja como vai ficar**>> Salvador. *Jornal Correio*. ladeira-da-conceicao-saiba-como-vai-ficar/?cHash=3ef93f35a3401d4c9aeaeb4bcdafea10



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

<http://www2.correio24horas.com.br/detalhe/salvador/noticia/projeto-vai-reformar-os-arcos-da-Consultado em 21 de Outubro de 2017>

Tatiana Medonça (22 de fevereiro de 2015). <<**Vida Sob os Arcos**>> Salvador. *Jornal A Tarde*. - <http://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1661771-vida-sob-os-arcos> - Consultado em 21 de Outubro de 2017

Maiana Belo (23 de março de 2015). <<**Dos arcos da 'Conceição' à Ladeira da Montanha, contos marcam história**>> Salvador. *G1* - <http://g1.globo.com/bahia/salvador-466-anos/noticia/2015/03/dos-arcos-da-conceicao-ladeira-da-montanha-contos-marcam-historia.html> - Consultado em 21 de Outubro de 2017

Wilson Ribeiro dos Santos Júnior e Paula Marques Braga (Abril de 2009). <<**O Programa de Recuperação do Centro Histórico de Salvador e as lições das Cartas Patrimoniais**>> São Paulo. *Vitruvius* - <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.107/59>- Consultado em 21 de Outubro de 2017